

UM DIÁLOGO ACERCA DA FORMAÇÃO INICIAL NO CURSO DE PEDAGOGIA VOLTADA PARA A CLASSE HOSPITALAR

Marilei Almeida de Oliveira¹

RESUMO

O trabalho busca apresentar os resultados do Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia Licenciatura Plena da Universidade Federal de Santa Maria. Tal pesquisa se referiu a um estudo sobre a formação inicial desenvolvida nos Cursos presenciais de Pedagogia do município de Santa Maria, objetivando identificar como a formação inicial contribui na formação de pedagogos(as) capazes de atuar em diferentes contextos educativos, dando ênfase ao contexto hospitalar. Diante disso, a pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, adotando o estudo de caso; a coleta dos dados se deu por meio de um questionário aberto, realizado com quatro acadêmicos dos Cursos de Pedagogia Diurno e Noturno da UFSM e do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIFRA, bem como, por meio da análise dos PPCs desses. A partir das “falas” dos sujeitos participantes e da análise junto aos Projetos Pedagógicos conclui-se que a formação inicial desenvolvida nos Cursos presenciais de Pedagogia deste município é frágil no que se refere a uma formação de qualidade para a atuação nos espaços não escolares, especificamente para o Contexto Hospitalar. Desse modo, entendemos que tais Cursos estão frente a um grande desafio, pois precisam repensar as práticas que vêm sendo construídas e oferecidas aos acadêmicos, de modo que as mesmas venham a revelar a realidade da sociedade, sem omitir e/ou negar esses outros espaços/campos de atuação do sujeito pedagogo, buscando a valorização desses contextos não-escolares.

Palavras-chave: Formação Inicial. Classe Hospitalar. Curso de Pedagogia.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho tem como finalidade apresentar a pesquisa do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia Licenciatura Plena da Universidade Federal de Santa Maria, intitulada “A Formação Inicial no Curso de Pedagogia: identificando qualidade e capacitação da práxis pedagógica na Classe Hospitalar”. A pesquisa em questão se disponibilizou a refletir acerca da formação inicial de pedagogos(as) em duas instituições de ensino superior do município de Santa Maria/RS, tendo como especificidade a atuação do(a) pedagogo(a) no contexto hospitalar.

Durante os percursos da formação inicial me deparei com alguns obstáculos, no sentido de

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia Licenciatura Plena – Diurno/Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: mari.oli.ped@gmail.com

como desenvolver o trabalho docente dentro do contexto hospitalar. Diante disso, buscou-se compreender como a formação inicial contribuí para o desenvolvimento e desempenho do(a) profissional Pedagogo(a) que atua ou pretende atuar no contexto hospitalar. Desse modo, objetivou-se identificar como a formação inicial, desenvolvida nos cursos presenciais de Pedagogia Licenciatura Plena de Santa Maria/RS, contribuí na formação de pedagogos(as) capazes de atuar em diferentes contextos educativos, dando ênfase ao contexto hospitalar.

Para tanto, o trabalho apresentará uma breve discussão do atendimento educacional no contexto hospitalar e da formação inicial do(a) pedagogo(a); bem como, os resultados obtidos com a pesquisa.

DESENVOLVIMENTO: atendimento educacional na Classe Hospitalar e a Formação Inicial do(a) pedagogo(a)

Embora a Classe hospitalar, no âmbito das legislações não possua diretrizes específicas, a Lei nº 9394/96 que dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional inseriu a mesma no interior da modalidade educativa Educação Especial, em uma visão de educação inclusiva, a qual tem como prioridade atender as crianças e adolescentes hospitalizados, propiciando a esses alternativas para que continuem estudando até estarem aptos a retornar à escola de origem. Trata-se de um atendimento educacional com identidade lúdica e interdisciplinar.

Essa pedagogia é destinada para aqueles que Arroyo (2012) chamou de *sujeitos sociais, invisibilizados*, pois são crianças e adolescentes com graves patologias e na maioria das vezes, embora sujeitos protegidos por leis, abandonados/esquecidos pela sociedade e assim, desassistidos em todos seus direitos; apresentando medos, sentimentos de insegurança e dor e ainda “soma-se a isso a pungente e sempre presença do medo da morte, vista como uma sombra inoportuna que visita alguns leitos, ceifando do convívio alguns companheiros da unidade hospitalar” (ORTIZ; FREITAS, 2005, p. 29). Porém, as crianças e adolescentes hospitalizados necessitam dar continuidade a sua vida escolar, pois “o seu desenvolvimento cognitivo não pode ficar estático ou simplesmente ficar somente sobre os cuidados médicos, sem nenhuma expectativa no âmbito escolar” (SILVA; et al, 2008, p, 09), ou seja, a continuidade e democratização do acesso ao conhecimento se torna fator imprescindível nesse processo. No entanto, o desenvolvimento da ação educacional no contexto dos hospitais ainda é pouco explorado e traz consigo muitas lacunas.

O desenvolvimento da ação educacional dentro do contexto hospitalar busca proporcionar a essas crianças e adolescentes uma educação permeada pelo lúdico, pela interdisciplinaridade e pela fantasia que se encontra no mundo da imaginação, considerando que isso ainda não lhes foi tirado. Assim, a pedagogia hospitalar surge para desmistificar as informações e aliviar a ansiedade desse

período de internação possibilitando uma reflexão da realidade de forma mais generosa, permitindo que o sujeito que passa por tal processo possa ver o hospital como um *espaço onde a vida acontece*.

É, pois, fundamental dar continuidade ao trabalho de aprendizagem da criança e do adolescente dentro do contexto hospitalar, essa ação oportuniza a esse sujeito uma nova perspectiva frente ao tratamento. As intervenções pedagógicas no contexto hospitalar além de colaborar para com a aprendizagem, auxilia os(as) educando(as)/pacientes quanto ao modo de enfrentar suas patologias, a partir de um mundo com mais cores e sabores do que aquele em que está inserido, porém sem fugir da realidade que o cerca e sim enfrentando-a de maneira menos dolorosa. Com base em Ortiz e Freitas (2005), entende-se que,

É na relação de investimento com o outro que a educação sinaliza para a emancipação da vida em hospitais, ressignificando-se uma pedagogia dialógica que legitima a concepção de pacientes autônomos e cidadãos, com projeto de identidade incluyente e que fomente, na sua práxis, uma educação humanizada em um mundo humanizado [...] Práxis, aqui, entendida como atividade humana de ação, envolvendo não apenas a interpretação do mundo, mas também como guia de sua transformação. É o paciente-aluno assumindo seu papel, alavancando a história e se fazendo ser histórico-social. (ORTIZ; FREITAS, 2005, p. 58)

Desse modo, destaca-se a importância de uma prática pedagógica regada pelo viés freireano de que ensinar exige entre outros, respeito à autonomia e à individualidade de cada sujeito; exige o ato da dialogicidade verdadeira, o ato da escuta, a alegria em estar naquele contexto, a amorosidade e sensibilidade para com aquelas crianças e adolescentes patologicamente diagnosticados, enfim, ensinar no contexto hospitalar exige esperança, em estar convicto de que a mudança é possível, sabendo que “é a partir deste saber fundamental – *mudar é difícil mas é possível* – que vamos programar nossa ação político-pedagógica (FREIRE, 2013, p. 77). Freire ainda nos coloca a importância de uma ação pedagógica permeada de humanização, onde a realidade de vida dos sujeitos se torna temática do processo de escolarização.

Embora, a modalidade educativa da classe hospitalar esteja marcada pela dor e pelo sofrimento, tanto para os(as) educandos(as) e seus familiares quanto para aqueles profissionais que atuam nela, trabalhar em virtude de uma educação libertadora, com a intenção de preparar os sujeitos envolvidos para a vida se faz necessário. Nesse sentido nos remetemos aos processos formativos ofertados nos cursos de licenciaturas, dando ênfase ao Curso de Pedagogia.

Levando em conta as mudanças histórica-sociais, os cursos de Pedagogia devem possibilitar uma formação comprometida com os aspectos econômicos, culturais e políticos da sociedade. Propiciando a seus acadêmicos e acadêmicas a autonomia em se constituir sujeito de sua formação, além de diálogos críticos-reflexivos de modo a relacionar teoria e prática, ou seja, a formação inicial deve formar profissionais capazes de estudar, planejar, desenvolver e avaliar de forma reflexiva sua prática pedagógica quer seja no espaço escolar, quer seja nos diferentes contextos

educativos.

Compreende-se que a formação inicial justifica-se pela necessidade de uma qualificação/preparação para o exercício da docência, porém a mesma não deve ser considerada algo acabado e/ou sem conexão com o contexto atual da educação.

Para tanto, a pesquisa se caracterizou como uma abordagem qualitativa, a qual preocupa-se “com um nível de realidade que não pode ser quantificado [...], trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (Minayo, 1994, p. 21-22) e possibilita ao sujeito pesquisador a participação, compreensão e interpretação. Nesse sentido, a preocupação da mesma foi buscar as informações de quatro acadêmicos(as) dos cursos presenciais de Pedagogia do município de Santa Maria/RS, identificando como a formação inicial desenvolvida nesses cursos está preocupando-se com uma práxis pedagógica de qualidade dentro do contexto hospitalar. Esses sujeitos foram escolhidos a partir de dois critérios elencados: acadêmicos(as) que já vivenciaram ou que veem vivenciando a prática educativa na classe hospitalar, segundo informações disponibilizadas pelas coordenações e acadêmicos(as) que estão cursando os dois últimos semestres do curso. Para isso foi adotado o estudo de caso, o qual se preocupa com o estudo profundo de um ou mais objetos, compreendendo um aspecto específico dentro de um sistema amplo.

Análise e Discussão dos Dados

Na busca por respostas significativas, por respostas que auxiliassem nos questionamentos iniciais da pesquisa, foi elaborado um questionário com questões específicas acerca de como a formação inicial vêm formando pedagogos para a atuação em outros contextos educativos, mais especificamente o contexto hospitalar. Diante disso, a construção deste capítulo se deu em torno das respostas dos sujeitos participantes da pesquisa, acadêmicos e acadêmicas de duas Instituições de Ensino Superior do município de Santa Maria. Bem como, da análise realizada sobre os Projetos Pedagógicos dos Cursos.

Nesse sentido, após a análise dos PPCs dos três Cursos pesquisados, percebemos que as nomenclaturas “ambientes escolares e não-escolares” e/ou “escolas e espaços sociais” se fazem presentes nos documentos. Além disso, percebemos que os espaços não-escolares são compreendidos como campos de atuação do profissional pedagogo(a) e, que o egresso do Curso deve estar apto para desenvolver sua prática pedagógica em todos os campos de atuação. Com essa análise identificamos que apenas o Curso de Pedagogia ofertado pela UNIFRA possui uma disciplina voltada para a formação do(a) pedagogo(a) para a prática nos espaços não-escolares.

Assim, buscamos propiciar um espaço para que os acadêmicos desses cursos pudessem falar a respeito de sua formação inicial, indo ao encontro daquilo que a perspectiva freireana defende, o ato de dar voz aos sujeitos que estão vivenciando esse processo de formação. Desse

modo, a primeira questão buscou compreender o que os sujeitos participantes entendem por outros contextos educativos. Todos os sujeitos caracterizaram os *outros contextos educativos* como campos de atuação do pedagogo, que vão além da escola e das salas de aula.

Diante disso, a segunda questão preocupou-se em saber quais os campos de atuação do(a) pedagogo(a) conhecidos pelos participantes e como esses descobriram tais. Os quatro participantes, após descrever como campo de atuação escolas, empresas, hospitais, presídios, ONGs e diferentes instâncias que exijam conhecimentos pedagógicos, afirmaram que o conhecimento sobre os diversos campos de atuação do pedagogo, surgiu no decorrer do curso por meio de colegas, de eventos que participaram e dos estágios extra-curriculares desenvolvidos no Setor Educacional do HUSM. Ou seja, os acadêmicos são conhecedores dos diferentes campos de atuação porque foram além daquilo que lhes é oferecido pela grade curricular dos Cursos de Pedagogia.

Na última pergunta, voltamos nosso olhar exclusivamente para como a formação inicial desenvolvida nos três cursos abordou a Classe Hospitalar. Os participantes assumiram que a modalidade estudada/defendida aqui, não foi abordada em nenhuma disciplina específica. Exceto no caso do Curso de Licenciatura em Pedagogia, oferecido pela UNIFRA, no qual a modalidade é abordada na disciplina de Espaços Sociais. Porém, a participante destaca que a mesma é vista como um dos espaços educativos e cabe ao acadêmico optar por um aprofundamento nesse espaço ou em outro.

Ainda, cabe destacar a *indignação* dos participantes ao falarem que a Classe Hospitalar apenas é discutida na medida em que “*o próprio acadêmico traz questionamentos ou troca de experiências relacionadas ao tema*” (Participante B), ou ainda, quando um dos sujeitos participantes afirmou que “*o currículo acaba falando apenas de sala de aula, e esquecendo que o pedagogo pode atuar também em outros ambientes, como a classe hospitalar.*” (Participante C). Nesse sentido, entendemos e compartilhamos dessa *indignação*, pois compreendemos que os Cursos de licenciatura, de uma forma geral, enfatizando porém o Curso de Pedagogia, não estão preocupados em formar educadores para o exercício da docência nas diferentes modalidades da educação, menos ainda para a Classe Hospitalar, a qual faz parte de uma dessas modalidades. Tudo fica a cargo do acadêmico, esse precisa fazer escolhas e optar por como será sua formação, no entanto fica difícil optar pela Classe Hospitalar quando essa nem ao menos é discutida no Curso, não estamos tirando a autonomia dos sujeitos em formação, pelo contrário, compartilhamos da ideia de que esse sujeito deve-se assumir como ator desse processo, porém entendemos que é necessário que tanto as modalidades quanto os contextos diferenciados, contidos nas mesmas, devem ser apresentados a esses sujeitos.

Embora a UNIFRA ofereça uma disciplina que aborde o tema, bem como a oportunidade de um dos estágios ser desenvolvido no contexto hospitalar, percebemos nas respostas da acadêmica

participante a necessidade de mais dedicação à esses espaços não escolares, pois como a mesma destacou, “nem todas as alunas escolhem realizar o estágio no Hospital, a maioria realiza em outros espaços sociais”. Na maioria das vezes optar por realizar o estágio na Classe Hospitalar requer não apenas a vontade dos acadêmicos e acadêmicas, mas também, e principalmente, a disponibilidade de professores orientadores para tal estágio, pois assim como destacou Arroyo (2012), outros sujeitos requerem outras pedagogias e para isso, pensar, planejar, desenvolver e/ou orientar práticas pedagógicas em diferentes modalidades e/ou contextos educativos requer daquele que o faz uma visão ampla acerca daquele espaço e daqueles sujeitos.

Assim, compreende-se que mais uma vez se torna uma busca pessoal do acadêmico, pois em virtude da pequena carga horária esse não pode vivenciar a experiência de estudar, refletir e atuar em todos os espaços sociais possíveis ao pedagogo, e, deve optar por apenas um deles.

Podemos evidenciar então, que a formação inicial, oferecida pelos três cursos presenciais de Pedagogia, no município de Santa Maria/RS, está frágil nesse sentido, pois os próprios acadêmicos que estão concluindo o Curso destacam isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, a partir da análise dos PPCs, de nossas vivências como acadêmicas e, principalmente, a partir das vozes dos demais acadêmicos, percebemos que, infelizmente, embora reconhecido como um espaço de atuação do profissional pedagogo, o contexto hospitalar não passa disso nos Cursos. Não existe nenhuma proposta curricular voltada para o mesmo, quando existe, no caso do Curso da UNIFRA, podemos afirmar que uma disciplina com carga horária de 68h não é suficiente para abordar todos os espaços sociais considerados campos de atuação do pedagogo, ainda mais quando o acadêmico precisa escolher apenas um dos espaços para um aprofundamento e respectivamente o estágio, o que é o caso. Alguns acadêmicos até possuem experiências, vivências e conhecimentos sobre a Classe Hospitalar, porém, como destacaram ao responder o questionário, foi uma busca pessoal, na qual precisaram ir além das salas de aula; além disso, os sujeitos participantes enfatizaram o quanto sentem falta de espaços/tempos, dentro dos cursos, dedicados a esses outros contextos educativos, além do contexto escolar.

Nesse sentido, no que tange à formação inicial de pedagogos, entende-se que as Instituições de Ensino Superior estão à frente de um grande desafio, pois precisam assumir a necessidade de desenvolver uma formação inicial capaz de preparar seus acadêmicos e acadêmicas para os diferentes contextos no qual o(a) pedagogo(a) poderá exercer sua profissão, enfatizando aqui, o contexto hospitalar, a Classe Hospitalar.

Freire nos fala, em sua obra “Política e Educação” (2001), dos deveres que precisamos assumir ao criticar algo e/ou alguém, segundo o educador o primeiro desses deveres é o de não

mentir, “Podemos nos equivocar, podemos errar. Mentir, nunca” (p. 31), desse modo, assumimos aqui a ética da verdade, destacamos somente aquilo que nos foi relatado por meio das respostas e a partir da análise dos PPCs. O outro dever é conhecer aquilo que estamos criticando, não podemos ficar apenas no que nos dizem os outros, embora o que esses têm a nos dizer possa ser extremamente importante para chegarmos a tal crítica. O terceiro dever do crítico é “deixar claro a seus leitores que sua crítica abarca um texto apenas do criticado ou sua obra toda, seu pensamento”. Nesse sentido, aqui, é importante deixar claro que a crítica não se refere à formação inicial como um todo, mas sim a formação inicial voltada para os contextos não-escolares.

Desse modo, interrompe-se a escrita destacando que os cursos de Pedagogia devem repensar as práticas que vêm sendo construídas e oferecidas aos acadêmicos, de modo que as mesmas venham a revelar a realidade da sociedade, sem omitir e/ou negar esses outros espaços/campos de atuação do sujeito pedagogo, buscando a valorização desses contextos não-escolares, pois assim, as crianças e adolescentes hospitalizados, impossibilitados de frequentar a escola regular, poderão receber profissionais capacitados, capazes de propiciar ações educativas e aprendizagens significativas para suas vidas.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9394/96. Brasília, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 45ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____, Paulo. **Política e educação**: ensaios. 5. ed - São Paulo, Cortez, 2001.

MINAYO, Cecilia S. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ORTIZ, Leodi C. M. **Classe Hospitalar**: reflexões sobre sua práxis educativa. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2002.

_____, Leodi C. M.; FREITAS, Soraia N. **Classe Hospitalar**: caminhos pedagógicos entre saúde e educação. Santa Maria: Ed. UFSM, 2005.

_____, Leodi C. M.; FREITAS, Soraia N. **Classe Hospitalar**: um olhar sobre sua práxis educacional. In: Revista Brasileira Estação Pedagógica, Brasília, v. 82, n. 200/201/202, p. 70-77, jan./dez., 2001.

_____, Leodi C. M.; FREITAS, Soraia N. **O Currículo da Classe Hospitalar Pioneira no Rio Grande do Sul**. In: Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 595-616, abr./jun., 2014.

SILVA, Jocelaine M. C.; et al. **Pedagogia Hospitalar**: a educação no leito oferecida as crianças

internadas no hospital infantil da zona Leste de Manaus. In: Anais do Congresso Brasileiro de Educação Especial, 3. São Carlos, 2008.